



Centro Acadêmico  
Iara Iavelberg

# BOCA

Boletim do Centro  
Acadêmico

Número 11

Instituto de Psicologia - USP

1º de junho de 2005

## EDITORIAL

Há várias décadas, marcas importantes do Instituto encontraram no BOCA privilegiado espaço. Seja enquanto meio de divulgação de textos literários, discursos politizados ou mesmo crônicas do cotidiano. É justamente dessa pluralidade de perfis que se constitui o caráter do Boletim. Nesse sentido, o BOCA tem sido um espaço atravessado por muitas vozes, que são parte importante da história do Instituto.

Nas últimas semanas alguns textos vêm sendo publicados com o intuito de discutir a função do BOCA. Na realidade, essa questão já existia internamente à CO, pelo menos desde o ano de 2000. Tendo em vista que o Boletim é feito com a colaboração da comunidade ipuspiana, a CO tomou a iniciativa de ampliar essa discussão. Decidiu-se que cada membro da comissão escreveria um texto comunicando à comunidade sua reflexão sobre a função do Boletim do Centro Acadêmico e convidando-a a participar dessa reflexão. Acreditamos que este convite tem valor e ressaltamos o fato de ele ter partido da CO e ter conseguido mobilizar a comunidade. Consideramos, também, que esse movimento prima pela democracia e é fundamental para decisão a respeito dos critérios deste que é um veículo de comunicação aberto a toda comunidade.

Por conta disso, os estudantes ficaram surpresos por essa discussão ser colocada em pauta na Congregação. Vários foram os motivos que levaram a esse sentimento: a possibilidade de ocorrerem deliberações sobre o jornal do CA em um espaço majoritariamente composto por docentes e o fato dos estudantes não terem sido avisados com suficiente antecedência do debate sobre

o BOCA que ocorreria nesse espaço, desconsiderando o processo de discussão em andamento.

Diante dessa surpresa, os estudantes se organizaram, propondo uma outra maneira de encaminhar essa questão: a realização de uma reunião que permitisse uma ampla participação de todos os interessados no assunto, no próximo dia 20 de junho.

Vários boatos têm surgido acerca do Boletim e sua Comissão. A repercussão deles parece surgir de um desconhecimento da dinâmica do funcionamento do Boletim, além do desconhecimento do próprio corpo discente do Instituto. Dinâmica essa baseada na pluralidade de idéias, o que pode ser verificado através da leitura do próprio BOCA. Nele se encontram textos sobre os mais diversos assuntos e é sempre garantido o direito à réplica e à contestação. Um desses boatos, que tomou uma relevância desproporcional, é que a CO queria transformar o BOCA em um jornal pornográfico, boato que refutamos veementemente.

O BOCA se responsabiliza por publicar semanalmente textos enviados pela comunidade do IPUSP (entendida como estudantes, ex-estudantes, professores e funcionários). O BOCA reconhece os deveres éticos, implicados na publicação dos conteúdos do Boletim, exigindo como critério para publicação a responsabilidade do cidadão sobre sua produção, através da manifestação explícita de seu interesse em realizar essa publicação. Os textos precisam ser enviados até a data prevista e são revistos pela CO em sua reunião. Nessa, que ocorre ao meio dia das terças-feiras, a CO se reserva o direito de incluir

textos urgentes ou retirar algum texto caso julgue pertinente. No caso dos textos mais inquietantes é promovida uma negociação com o autor. Outro critério de publicação diz respeito ao número de páginas, que deve ser de, no máximo, oito por edição. Isso tem sido flexibilizado têm dada a mobilização dos estudantes em produzir uma discussão acerca do próprio Boletim e seus critérios. Por esse mesmo motivo, houve a flexibilização da norma de 5.000 caracteres por texto. A CO do BOCA é aberta a participação de qualquer estudante do IP, e para ingresso na mesma é necessária a participação por três semanas seguidas. Esse funcionamento foi construído ao longo de cinco anos, fruto de muitas discussões.

Além da construção desse editorial, outra alteração ocorrida nesse BOCA, com relação aos anteriores, é que ele está sendo assinado pela CO, pelo CAII e por alguns alunos. Isso ocorreu, pois alguns estudantes acharam importante se responsabilizarem pessoalmente, junto com a CO e o CAII, pela presente edição.

Decidimos prosseguir com a publicação semanal do BOCA, assegurando a existência de nosso veículo de comunicação e reafirmando a necessidade de prosseguir com esse debate. Aproveitamos ainda para anunciar a publicação na próxima semana, de um BOCA especial *BOCA*, abordando a história do jornal, bem como questões pertinentes a toda essa ampla discussão. Por fim, convidamos a todos para a construção das discussões nas próximas reuniões do CA, que culminarão na reunião do dia 20 de junho.

Na reunião do CA de 24 de maio discutimos uma parte da questão do BOCA. O assunto foi tratado em caráter de urgência, pois o BOCA foi colocado em pauta na Congregação de segunda (dia 30). Antes de tudo, quero ressaltar que a discussão de ontem rolou em torno da Congregação e não em torno da função do BOCA. Vou tentar relatar os fatos em ordem cronológica:

1. A cota de xerox é discutida no CTA. O CTA (Conselho Técnico e Administrativo) é um espaço em que são discutidas e decididas principalmente questões relativas ao financiamento público (em outras palavras, como o IP gastará o dinheiro que recebe). O cursinho pediu que o CTA liberasse uma cota de xerox para que eles rodassem um jornalzinho. O pedido foi negado, alegando-se que o CA já tem essa cota. Cogitou-se a idéia de diminuir essa cota do CA para dividi-la com o Cursinho.

2. A reunião da Congregação é adiada. Congregação é um outro espaço de discussão e deliberação no IP. Na verdade, é o espaço mais importante, pois é soberano sobre todos os outros. Nós temos dois representantes discentes lá, mas só voto. Isso significa que os professores têm uma representatividade muito maior que a nossa nas decisões tomadas lá. Nossos representantes discentes reclamam do fato de a Congregação ter sido adiada sem nenhuma explicação.

3. A CO do BOCA e a diretora sentam para conversar sobre o jornal: A diretora se mostra bastante preocupada com os aspectos jurídicos envolvidos no BOCA e afirma que ela é responsável pelo o que é publicado no jornal, uma vez que é ela quem libera a verba pública para que o jornal seja rodado. Ela se diz preocupada, ainda, com a possibilidade de o jornal passar a ter um caráter pornográfico. Diz que existem muitos professores que estão descontentes com o que está sendo publicado pelo BOCA e convida dois representantes da CO para participar da próxima Congregação, avisando que o BOCA será o primeiro ponto de pauta.

4. A diretoria confirma o BOCA na pauta da Congregação. A diretoria convoca dois representantes do CAII para participar da reunião da Congregação, por conta do BOCA ser o primeiro ponto de pauta.

Levando todas essas informações em conta, resolvemos, ontem na reunião do CAII, nos posicionar da seguinte forma: Os estudantes consideram que a Congregação não é o espaço para se discutir o BOCA, pois a maioria de nós não pode entrar na reunião. Com relação à parte jurídica, o CA, enquanto pessoa jurídica, não se exime da responsabilidade sobre o BOCA. No que diz respeito à cota de xerox do CA, vamos defender sua manutenção e a autonomia do CA sobre a sua utilização.

Esse posicionamento vai ser levado pelos seis alunos que participarão da Congregação através de uma carta. Porém, concluímos que é importantíssimo mostrar à Congregação que não são somente esses seis alunos que estão interessados no debate do BOCA, por isso convidamos todos os alunos interessados na discussão do BOCA para comparecer na porta da biblioteca na segunda-feira, dia 30, às 13h e 30 min. para concretizar esse interesse. A idéia não é fazer barulho, nem reivindicações autoritárias, a proposta é que nós mostremos para a Congregação que existem várias pessoas que estão interessadas em discutir esse assunto e que se ele for discutido no espaço da Congregação a maior parte de nós ficará de fora do debate.

## A questão do BOCA em pauta

Na última reunião do CA, ontem, discutiu-se os acontecimentos da segunda-feira, dia 30, (dia da reunião da Congregação em que o BOCA fazia parte da pauta). De novo, vou tentar relatar as coisas em ordem cronológica.

1. Os estudantes se reúnem na frente da biblioteca. Como decidido na reunião passada, os estudantes se reuniram na frente da biblioteca para conversar sobre o que estava acontecendo com relação ao BOCA – a urgência de se debater seriamente a questão em um espaço que garantisse a participação de todos os interessados, o fato de o jornal ter entrado na frente de todas as outras pautas da Congregação, a questão da linha editorial, entre outras coisas.

2. A discussão do BOCA na Congregação: Nossa diretora, presidente da Congregação, introduziu a discussão lendo um texto o qual pontuava o que ela considera importante nesse debate, num discurso de aproximadamente 40 minutos. Embora tenha sido um texto bastante bem argumentado e extremamente coeso, discordamos de suas bases, por considerarmos equivocado e baseado em mal entendidos; entre eles, a história de jornal poder passar a ter um cunho pornográfico. Em termos gerais, os estudantes presentes na reunião se sentiram ofendidos com toda a situação, expressando esse sentimento na reunião. A diretora não permitiu que outros alunos tivessem acesso a esse texto, mas afirmou que o lerá novamente na reunião do dia 20 de junho, proposta na carta escrita pelos estudantes e aprovada pela Congregação. Os estudantes se posicionaram solicitando que não houve deliberação com relação ao BOCA nesse espaço. Decidiu-se, então, que a Congregação iria votar sugestões e não deliberações. Além dos RD's, que tem lugar garantido, os 2 representantes da CO e os dois do CA, que foram convidados, a Congregação também convidou um aluno da pós-graduação que escreve recorrentemente no BOCA. Esse também foi um ponto controverso na opinião dos estudantes, pois deu voz a apenas um dos colaboradores do jornal e os outros tiveram que ser apenas representados.

3. A votação da questão do BOCA na Congregação: Terminada a discussão, a Congregação diretora solicitou que os convidados se retirassem para que a questão pudesse ser votada. A proposta vencedora foi a sugestão para que o BOCA suspenda suas publicações até que seus critérios sejam apresentados. Nossos Rds (Graduação e Pós) se abstiveram da votação, reafirmando a proposta de que a Congregação não é um espaço deliberativo para o BOCA.

Os presentes na reunião do CAII levaram em conta a sugestão e, após muitas discussões e propostas diferentes, decidiram continuar a publicação normal do jornal, sendo que este está saindo hoje com um editorial. Decidiu-se também preparar para semana que vem um BOCA especial sobre a história do BOCA, a sua inserção o IP etc.

É, como sempre, os boatos correm... e eu, como boa psicóloga, não me eximo de pensar sobre isso. Penso, logo existo, já dizia...quem? Porém, ocorre que às vezes, esses pensamentos transbordam, as discussões excedem ao tema previsto, as pessoas se excedem e é preciso transbordar esse pensar. Ainda bem que (ainda) existe o BOCA, como instrumento de discussão, exercendo nesse momento uma de suas tantas funções.

Voltamos ao mesmo tema. Sim, caros leitores, esse texto fala sobre a função do BOCA.

Na minha opinião (doxa, sempre doxa), a primeira e grande função do BOCA é servir como um canal de informação. Por algum motivo escuso o BOCA se tornou o único mecanismo de difusão de informação realmente eficiente nesse instituto. É por ele que sabemos dos eventos, das discussões, dos problemas e soluções. E também das teses, do orçamento da biblioteca e, mais recentemente, do orçamento do próprio BOCA. Quanto de informação sobre o nosso instituto, e quiçá da própria USP nos é negado todos os dias? Muita, com certeza. Você sabe quantos professores o IP possui? E funcionários? Você sabe quanto custou a reforma dos banheiros (essa eu sei: R\$60 000,00, e já quebrou, antes mesmo de completar os 90 dias de garantia previstos no código de defesa do consumidor)? Você sabe quantas e quais pesquisas acontecem no IP nesse exato momento? E quais são as possibilidades de fazer Treino ou Prática em Pesquisa? E os cursos pagos? Quanto de papel e impressão cada departamento gasta por mês? As bolsas trabalho então eu nem falo...

Você pode estar se sentindo um grande desinformado, e é, mas já parou pra pensar que o IP não possui nenhum meio de comunicação ágil, centralizado e eficiente para transmitir informações que são de direito nosso? Nesse quesito, ponto pro BOCA!

Além da função de informador, o BOCA assumiu também a função de formador. Afirmar isso é difícil, mas vamos lá: justamente por possuir normas tão flexíveis, o BOCA acaba captando e

imprimindo (no duplo sentido) toda a multiplicidade de questões a que estamos sujeitos, funcionando como um reflexo de nossa formação e, por ser um boletim realmente lido, acaba suscitando inúmeras discussões, que começam pelo papel, tomam rapidamente o caminho dos corredores e voltam para o papel, agora enriquecido.

Se você acha o BOCA frívolo, desnecessário, inútil, resta ainda uma pergunta (e já deu pra ver que eu tenho muitas): o problema está no BOCA, ou no leitor, que não reflete sobre o que lê e, portanto, não se forma? E tome dados oficiais: *"Em termos de conhecimento geral, a diferença é pequena entre quem entra e quem sai de cursos de graduação, em 13 áreas avaliadas"*. Só pra constar: o BOCA muitas vezes me parece um ótimo reflexo dessa afirmação, que eu retirei do site do INEP. Como futura psicóloga, penso que não adianta mascarar um sintoma, mas deixá-lo emergir e, através dele, buscar um novo caminho. Mais um ponto pro BOCA.

Vou pular agora um milhão de questões, por falta de espaço e papel, e chegar a apenas mais um assunto: a famigerada frase do Massa (Bom senso de ... é ....). Não que eu acredite que tenha sido ela que incomodou e promoveu aquele escarcéu todo a ponto de colocar o BOCA em pauta na Congregação. Primeiro: a frase não é pornográfica. Segundo, a forma agressiva e descontextualizada que o colega manifestou não é consenso entre alunos do IP (e não me façam explicar isso porque é óbvio). Portanto, não condiz a afirmação que o BOCA pretende se transformar em um jornal pornográfico. Mesmo o texto da Elisa (05), ou o comentário do Virgílio não embasam essa afirmação. O que muita gente quer, sim, é que o sexo possa ser tratado assim como as outras questões colocadas pelos alunos: com liberdade e naturalidade. Preciso lembrar que fazemos psicologia?

Termino com a máxima de Terêncio, último ponto a se pensar: "Tudo o que é humano não me é estranho". Ponto pro BOCA?

Você se recorda como era o Boca quando você entrou na psico?

Essa discussão sobre a postura editorial do Boca teria sentido naquela época?

Ou melhor.

Essa discussão sobre o Boca seria publicada no Boca?

Óbvio que não!

No ano em que você ingressou na psico somente apareciam no Boca textos da panelinha que controlava a diretoria do CA e de seus afetos.

A democratização do Boca ocorreu por volta da virada do milênio e o chato é que, muito dos déspotas de então ainda assombram o IP posando de democratas.

É isso que você quer, que só sejam publicadas no semanário coisas da corriola do CA? Pergunto isso pois, em teus textos parece que você defende a censura.

Não existe meia liberdade, não existe democracia parcial.

Você gostaria que o Boca fosse como as revistas científicas? Ora, elas representam o engessado establishment, o status quo científico, Freud, Jung, no início, e Reich sempre foram boicotados por elas.

"Mudando de assunto", se me permite uma indiscrição, você tem uma boa análise científica e política - não é atoa que é discípulo da S. Damergiam - mas, como já falei, parece que tá defendendo a censura e o status quo.

Caro amigo, se você voltasse todo esse pique e inteligência para coisas mais prementes da política de nosso instituto, por exemplo, lutar contra a sabotagem que está sofrendo o novo currículo, tão aumentando o número de obrigatórias; lutar para que o instituto público que é o IP se abra para a classe trabalhadora, qual seja, o Curso Noturno de Psicologia; a Luta Anti-Manicomial; a Luta Contra o Ato Médico etc.

Na primeira vez que fui RD do PSC, eu e o Luciano tentamos colocar um RD da pós no departamento, a maioria das estâncias da USP podem ter RDs da graduação e da pós, os profs nos manipularam, afinal o departamento é o clubinho, o feudo deles e eles não querem mais ninguém de fora. Tá aí uma briga legal para você que é da pós encampar.

Saudações libertárias a todos.

Diversos membros da PSICO-USP têm-me manifestado sua preocupação com o número de páginas (de 12 A 14) dos últimos boletins e com as conseqüências negativas disso. Manifestações que tenho repassado à Comissão Organizadora (C.O.) do BOCA. Algumas delas são: o boletim assume jeito de jornal de domingo, em que partes são descartadas previamente à leitura, com evidência de desperdício. Em jornais do tipo, o problema, sob um aspecto bem simplista, é do consumidor. No caso do BOCA, entende-se que há também desperdício e outras decorrências negativas, e que tudo isso deveria ser significativo para a comunidade, senão especificamente para a C.O., para o CAII e para a Diretoria do IPUSP.

Algumas dessas decorrências são: maior dificuldade na listagem dos textos, na diagramação, na impressão dos originais, na xerocação, na dobragem das folhas e na distribuição dos exemplares; maior tiragem de cópias, o que, mesmo para uma tiragem mínima (300) de exemplares, reduziria indevidamente o saldo de cópias outras disponível para tiragem exclusiva do CAII; conseqüencialmente, maior reivindicação

da C.O. e/ou do CAII para que a quota de cópias seja ampliada para atender a uma maior demanda; maior evidência de desperdício de material (exemplares inteiros ou partes).

Em primeiro lugar, verifiquei que o número normal (estatística) de páginas do BOCA nos últimos cinco anos é de oito páginas e que edições econômicas são aquelas cujo número de páginas é múltiplo de quatro (quatro, oito, doze etc.), em que são utilizadas as folhas do tipo A3 (cujas quatro páginas xerocadas custam apenas R\$ 0,24), e expressei isso no texto "OS GASTOS PÚBLICOS REAIS DO BOCA" (nº 9, de 18.05.05).

Em segundo lugar, a tiragem tradicional do boletim, desde o ano de 2000, é de 300 exemplares por semana, tendendo nos últimos anos a 400 exemplares, com a maior aceitação do BOCA em toda a comunidade. Na edição do BOCA ESPECIAL ERÓTICA (26.11.03) e na do BOCA ESPECIAL MULHERES (01.12.04), a tiragem ultrapassou os 500 exemplares, cada, com 10 e 12 páginas, respectivamente. As edições recentes (quatro) estão com 12 ou 14 páginas, mas isso se explica pela relevância da questão sobre a função do BOCA, a qual

transformou essas edições em ESPECIAIS.

Mesmo nesse último caso, mantendo-se edições com o máximo de 12 páginas e tiragem semanal de 350 exemplares, tem-se uma tiragem semanal de 2.100 cópias e mensal de 8.400. Certamente, tão logo seja explicitada uma linha editorial para o boletim e, portanto, superada a atual oferta de colaborações, que é atípica, os diagramadores poderão fazer retornar o número de páginas ao normal, e dar exclusividade à utilização de folhas do tipo A3, o que reduz relativamente a tiragem de cópias. Além disso, pode-se verificar no discriminativos abaixo que as médias mensais de tiragem de cópias nos três últimos semestres letivos ficaram sempre muito inferiores a 8.000, e esse número pode ser adotado facilmente como limite de longo prazo, enquanto a C.O. mantiver sob seu controle rigoroso o número de páginas e a tiragem de exemplares, por edição. Mesmo que a tiragem semanal de exemplares alcance os 500 e estabilize-se nisso no semestre, para edições de até oito páginas há um "custo" de até quatro cópias por exemplar, até 2.000 cópias por edição, até 8.000 cópias por mês, e, até 32.000 cópias nos quatro meses letivos (em média, ou 32.000 por semestre civil).

**DISCRIMINATIVO DAS TIRAGENS DE CÓPIAS XEROX NA QUOTA MENSAL ANTERIOR (6.000) DO CAII, NO SERVIÇO DE CÓPIAS DO IPUSP**

Ano/mês	BOCA	CAII - BOCA	Soma	Disponível	Ano/mês	BOCA	CAII - BOCA	Soma	Disponível
2004/jan	0	69	69	5931	2004/jul	0	630	630	5370
2004/fev	0	1562	1562	4438	2004/ago	2000	340	2340	3660
2004/mar	3626	50	3676	2324	2004/set	3364	12	3376	2624
2004/abr	6408	715	7123	-1123	2004/out	4280	15	4295	1705
2004/mai	5446	554	6000	0	2004/nov	5835	466	6301	-301
2004/jun	1710	1000	2710	3290	2004/dez	6286	72	6358	-358
<b>Somas</b>	<b>17190</b>	<b>3950</b>	<b>2114</b>	<b>14860</b>	<b>Somas</b>	<b>21765</b>	<b>1535</b>	<b>23300</b>	<b>12700</b>

**DISCRIMINATIVO DAS TIRAGENS DE CÓPIAS XEROX NA ATUAL QUOTA SEMESTRAL (36.000) DO CAII, NO SERVIÇO DE CÓPIAS DO IPUSP**

Ano/mês	BOCA	CAII - BOCA	Soma	Disponível	Observações:
2005/jan	60	1054	1114	34886	1 - Médias mensais de cópias do BOCA 1º semestre letivo de 2004 4298 2º semestre letivo de 2004 4353 1º semestre letivo de 2005 (inc.) 7016
2005/fev	31	1393	1424	33462	
2005/mar	5083	286	5369	28093	
2005/abr	7166	570	7736	20357	
2005/mai	8800	154	8954	11403	
2005/jun			0	11403	2 - A tiragem de maio/05 está estimada
<b>Somas</b>	<b>21140</b>	<b>3457</b>	<b>24597</b>		

Nunca escrevi para o BOCA. Sempre leio, mas nunca tive coragem de rabiscar qualquer palavra por aqui. Foi um assunto que me entristeceu bastante que me inspirou para escrever.

Ainda não sei ao certo o que quero falar. Na verdade, não sei nem se vou realmente enviar esse texto. Muitos dos leitores do BOCA nem chegaram a conhecer a grande professora que nós perdemos essa semana. Também não quero entrar em questões de rivalidades teóricas.

Eu quero lembrar um pouco dessa figura, que foi a minha primeira professora nesse instituto. Que aparecia com seu sapato vermelho, um sorriso gostoso e uma aula muito bem preparada para apresentar. Que realmente sabia sobre o que estava falando. Que gostava muito de dar aula e comentou com diversas pessoas que gostava de muito da nossa turma. Nós fomos a última turma de graduação da Maria Amelia Matos. Quem se lembra do dia em todos compraram paçoquinha no intervalo para dar como reforço para a professora???

Quero lembrar da professora exigente, que fazia chamada, que fazia a gente escrever relatório todas as semanas, que entregava um roteiro de questões para a gente responder sobre o texto e discutir em aula. Lembrar das polêmicas, das discussões (livre-arbítrio X comportamento determinado!). Lembrar do quão bem ela aplicava a teoria em sala, controlando o nosso comportamento. Lembrar dos ratinhos que apertavam a barrinha. Lembrar do meu primeiro 10 na faculdade (talvez o mais merecido de todos).

Pensando bem, acho que o que eu quero falar é sobre a minha perda. O que significou para mim a morte da pessoa que eu mais idolatrei desde que entrei na faculdade. Eu cheguei bem perdida na psicologia (será que todo mundo chega assim?). Não tinha idéia do que ia estudar. A única coisa que eu sabia é que gostava muito de ciência e que queria estudar o comportamento humano. Encontrei essa grande professora no meu caminho. Me identifiquei logo na primeira aula. Ela me ensinou a base de tudo aquilo que eu

acredito dentro da psicologia. Para mim, ela sempre foi o símbolo de que existe algo que eu gosto dentro desse curso. Eu sempre disse: eu sou behaviorista por causa da Maria Amelia. Eu sei que isso não é verdade. Eu acredito no behaviorismo por causa de toda a minha história de reforçamento. Mas a Maria Amelia foi extremamente reforçadora para mim.

Não tive muito contato com ela depois do primeiro semestre. Logo ela ficou doente e se afastou bastante do instituto. Depois disso tivemos apenas rápidos encontros nos corredores. Ela sempre me cumprimentou, lembrava do meu nome (ela sabia o nome de todos da classe), perguntava sobre minha iniciação científica com a Vivi. Eu ficava extremamente feliz em nossos breves encontros. Todo mundo tem seus ídolos. Um dos meus era (e ainda é) Maria Amelia.

Recordo-me muito bem dos meus dois últimos encontros com ela em agosto do ano passado. O primeiro foi na reunião da ABPMC. Eu assisti um debate do qual ela participou. No fim, fui pedir para tirar uma foto com ela. Ela disse: "mas é claro, nega. Você já é de casa!". O último foi no corredor da Psico, logo depois. Ela me deu uma bronca porque eu estava usando um decote muito grande (eu, usando decote???)

Eu tenho muitas boas recordações dessa professora. Chorei muito a sua morte. A Quarta-feira 18 de maio foi um dia muito difícil em minha vida. Esse texto é apenas uma forma de compartilhar meu sofrimento e homenagear a Maria Amelia, que me inspirou e incentivou tanto.

Sempre que eu penso na Maria Amelia, lembro-me da dedicatória que ela fez para mim em um dos seus livros: "Para minha querida aluna Marina, cujo futuro, tenho certeza, será brilhante! Abraços, Maria Amélia Matos". Se eu realizar um décimo do que essa grande psicóloga realizou, ou se alguém um dia sentir por mim um décimo da admiração que sinto por ela, vou considerar que ela estava certa, meu futuro foi brilhante.

Quando cheguei à Faculdade de Psicologia a primeira professora que vi foi uma senhora gordinha, meio parecida com Jô Soares (guardada a devida distância, claro). Era faladeira, enérgica e cheia de vida. Conhecia seus alunos pelo nome e os usava em seus inúmeros exemplos.

Quando alguém fazia uma pergunta ela não costumava aguentar até o fim da fala do aluno e não raro interrompia antecipando o que ia dizer e continuava por si a pergunta! Em geral ela estava certa e era um pouco ansiôgeno para nós calouros, mas era até engraçado!

Era o tipo de professora que pegava no pé, exigia que todas as leituras fossem feitas e mais de uma vez me colocou na parede por não ter feito alguma, ou mesmo feito de forma incompleta! As vezes eu tinha um pouco de receio com ela, mas me sentia bem em suas aulas por devido à clara impressão de que tudo aquilo havia sido preparado para nós aprendermos, de muito boa vontade. Algo que eu raríssimas vezes havia presenciado na FEA, onde estudara antes. Era uma aula de verdade, em minha visão.

Ela tinha explicava as coisas com a simplicidade peculiar a poucos que têm clareza de raciocínio, experiência, e sobretudo, se preocupam com quem está escutando: consciência de que falam com sujeitos e não com objetos.

E uma lembrança muito legal ainda quero contar a todos, sobretudo aos que não conheceram a Professora Maria Amélia Matos. Sempre que falava de "reforços" ela repetia um em especial, seu preferido: paçoquinha!

Quando chegou seu aniversário, nós alunos, liderados pelo autos da idéia, o Carioca, fomos à lanchonete e compramos para ela dezenas de paçoquinhas! Quando voltamos do intervalo, a surpresa: um a um (que eu me lembre), foi até sua mesa e depositou ali sua paçoquinha para a Maria Amélia! Ela deu boas risadas, agradeceu e disse que não poderia comê-las todas, redistribuindo-as para que comêssemos! Ela ficou discreta, mas visivelmente lisonjeada e conetente com a brincadeira carinhosa!

Eis minha espécie de homenagem a uma professora que marcou fortemente minha formação, e que fez quase todos nós considerarmos a hipótese de sermos behavioristas!

Não conheci sua história toda, mas resalto ainda sua preocupação constante com o bom trato aos animais (como ela falava) com os quais lidávamos no laboratório.

Eu não pretendo ser behaviorista, mas nunca vou me esquecer do que aprendi com ela, sobretudo porque me sentia bem em suas aulas! Nas aulas de minha primeira professora, que teve em nós sua última turma.

A Comissão de Graduação na sua última reunião do dia 09/05 decidiu pela criação (ou oficialização, em alguns casos) de quatro novos Grupos de Trabalho. Antes de tudo, o que é um grupo de trabalho? Basicamente, é um grupo de pessoas que se reúnem com o propósito de pensar e/ou fazer algo a respeito de um tema. Diferentemente de uma comissão, que é permanente, ou pelo menos de vida longa, um grupo de trabalho, geralmente tem um objetivo específico e tende a durar apenas até a resolução de uma determinada problemática. Por isso, se você se interessa por um dos temas abaixo, esse é o momento para fazer algo a respeito. Eles são:

- Grupo de Trabalho "Projeto IPUSP/HU" – ao qual caberá a tarefa de elaborar um projeto de atuação junto ao hospital universitário. Até o momento só existem trabalhos isolados de professores no HU, e não um projeto de atuação do IP como um

todo. Esse é uma oportunidade para pensarmos também, num âmbito mais geral, sobre nossa formação e saúde pública.

- Grupo de Trabalho "Tutoria/IPUSP" – ao qual caberá a tarefa de analisar a pertinência de um programa sistemático de tutoria no IPUSP e, eventualmente, elaborar um projeto a esse respeito, a partir das questões discutidas no II Seminário de Graduação. Eu já mandei um texto anteriormente sobre esse grupo, e já havia deixado uma lista na Val. Quem se escreveu é só aguardar um e-mail nosso (da CG). E quem ainda quiser se escrever, esteja à vontade.

- Grupo de Trabalho "Projeto de Estágio/IPUSP" – ao qual caberá a tarefa de elaborar um Projeto de Estágios de graduação que complemente o currículo reformulado do IPUSP. Você acha terrível que as trocentas horas de estágio que você fez num lugar super legal não conta entre as horas de estágio obrigatórias para se formar? Está

convocado. Você acha um absurdo você nem saber direito o que é um estágio em psicologia ou como fazê-lo e tem idéias sobre como fazer essas informações circularem? Esse é o lugar. Em especial, os alunos, funcionários e professores que já tem contato com estágios fora da USP e têm muito a dizer sobre mil problemas e/ou soluções, apareçam!

- Grupo de Trabalho "Avaliação do Currículo/IPUSP" – ao qual caberá a tarefa de formular uma nova forma de avaliação das disciplinas própria do IP. Se você sempre achou que a avaliação pelo Sistema Júpiter nunca funcionou, que ninguém respondia. Bem, você acertou. Esse grupo, na verdade, é o único que já estava formado há algum tempo e funcionando. Mas está aberto aos **i n t e r e s s a d o s**.

Listas estarão na Val (o xerox do CA), inscreva-se! Participe! Se você tem algo a dizer, lembre-se que, às vezes, quando você não diz nada, nada é dito.  
Um abraço.

## HISTÓRIA DA INFÂNCIA NO BRASIL (1926-2002)

GEHPAI, enviado por Gabriela Balaguer

O Grupo de Estudos de História da Psicologia Aplicada à Infância, coordenado pela docente e pesquisadora Maria Helena Souza Patto, foi criado em 1998. O GEHPAI pertence ao Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e conta, atualmente, com cinco pesquisadores, dos quais quatro psicólogos e um historiador.

Sua criação deu-se com o objetivo de constituir um espaço institucional que congregasse pesquisadores que se dedicam ao debate das possíveis e necessárias relações entre Psicologia e História e ao estudo da história da ação da Psicologia no Brasil voltada para a população infantil. As pesquisas e reflexões realizadas no GEHPAI partem do princípio de que as dimensões epistemológica e ético-política do conhecimento são dimensões inseparáveis. Nesse sentido, a pesquisa sobre os fundamentos teóricos da ação profissional de psicólogos ou de outros profissionais instrumentados pelos conhecimentos produzidos pela Psicologia tem como chão o momento político em que esta ação se dá na sociedade brasileira. O objetivo último é pensar a

constituição dessa ciência em suas origens e especificidades nacionais. Convém dizer que a investigação da constituição histórica das concepções e práticas dominantes na Psicologia da infância e da adolescência e das ações sociais por ela informadas é movida pela necessidade de compreender criticamente o significado político e social de suas concepções e práticas *no presente*, a partir de uma concepção de história como unidade de passado, presente e futuro.

Dentre as atividades já realizadas, o GEHPAI organizou, em 1999, o *I Seminário de Historiografia da Psicologia*, no qual estiveram presentes pesquisadores de instituições de ensino dedicados à escrita da História da Psicologia (IP-USP, FFCLRP-USP, UERJ); nessa ocasião, concluiu-se pela necessidade da construção de um banco de dados que pudesse subsidiar o trabalho dos pesquisadores na área.

Foi com esse intuito que o GEHPAI procedeu, entre julho de 2001 e dezembro de 2002, à elaboração do levantamento bibliográfico ora apresentado, resultado do mapeamento de 175 títulos da produção acadêmica referente à história da infância no Brasil,

disponíveis nos acervos das bibliotecas da USP-SP e da PUC/SP. A presente publicação, além de subsidiar os futuros trabalhos do GEHPAI, quer ser instrumento para outros pesquisadores da área. **O GEHPAI tem o prazer de convidar a todos para participarem do evento de lançamento do levantamento bibliográfico. Segue abaixo a programação do evento.**

**Evento: História da infância no Brasil (1926-2002)**

**Debate:**

➤ Marco Antonio Cabral dos Santos

(Doutor pelo Departamento de História da FFLCH – USP)

➤ Maria Helena Souza Patto (IP- USP)

**seguido de lançamento de CD ROM com levantamento bibliográfico**

**Dia:** 07 de junho de 2005, às 14 horas

**Local:** Instituto de Psicologia - USP,

**Bloco B, sala 20**

**Auditório Aurora Furtado**

**Entrada Franca**

# I SEMINÁRIO DOS CURSINHOS ALTERNATIVOS DA USP

Guilherme (98)

Há três semanas, foi publicado no BOCA um texto meu chamado "Perguntas". Não responderei aqui as questões que coloquei como provocação, para fazer pensar.

\*

Em 2002, foi feita uma denúncia ao Ministério Público contra os cursinhos estabelecidos no campus da Universidade de São Paulo sob as acusações de que não poderiam cobrar mensalidades funcionando em espaço público. Na ocasião, as mensalidades ficavam entre R\$50,00 e R\$80,00 e estas eram utilizadas apenas para a manutenção de uma mínima estrutura de funcionamento (professores, material didático, funções administrativas etc).

Neste período ocorreu uma série de discussões com a Universidade de São Paulo (Pró-Reitoria de Graduação) e com o próprio Ministério Público em busca de soluções para os problemas enfrentados, mas, infelizmente, quase nada foi encaminhado.

Passaram-se quase 3 anos da abertura do processo e não houve avanços significativos. Hoje o processo está arquivado; o diálogo com a universidade cessou e os cursinhos permaneceram na USP batalhando pelos princípios apresentados apesar das dificuldades para manter a qualidade dos projetos.

No segundo semestre de 2004, a USP, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado, como forma de promover a USP-Leste, lançou o Pró-Universitário, espécie de cursinhos que tinha como objetivo não preparar os alunos para o vestibular, mas incentivar os jovens da Zona Leste a prestarem o vestibular. Foram gastos 3 milhões de reais em um projeto de 4 meses. O alto-escalão da universidade (reitoria e pró-reitorias) defendem a existência de cursinhos como política de ações afirmativas, em lugar de cotas para negros ou alunos de escola pública.

E ainda mais recentemente, na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, está para ser votado um projeto de lei que prevê a existência de cursinhos gratuitos nas três universidades paulistas.

Diante disso tudo, os cursinhos que ainda funcionam na USP (Psico, FEA, CRSUP e Núcleo de Consciência Negra) estão organizando o **I Seminário dos Cursinhos Alternativos da USP**, para tentar discutir e encontrar caminhos para resolver esta situação.

Quando? **Quinta-feira, 02 de junho de 2005**

Onde? **Auditório da FAU-USP**

Programação:

**16h ABERTURA**

*Mesa 1 " Histórico dos Cursinhos na USP"*

-Apresentação dos Projetos dos Cursinhos Alternativos da USP (Cursinho Psico-USP, Cursinho Experimental do CRUSP, Cursinho da FEA, Núcleo de Consciência Negra, Cursinho do XI de Agosto e MED Ensina);

-Prof. João Galvão Bacchetto, Centro de Estudos e Pesquisas de Políticas Públicas de Educação/FEUSP

-Prof. Dr. Antônio Cândido (FFLCH-USP) (a confirmar) – integrante do "Cursão da Filosofia" da década de 60;

**18h – CAFÉ**

-Intervalo para o café. Haverá uma intervenção artística.

**19h – MESA 2 "Os novos paradigmas dos cursinhos alternativos na Universidade de São Paulo: quais os caminhos possíveis?"**

-Abertura da 2.ª mesa (representante dos cursinhos)

-Pró-Reitoria de Graduação (USP);

-Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (USP)

-Promotora do Ministério Público de São Paulo;

-Prof. Dr. Aziz Ab'Saber (FFLCH-USP).

**Compareça!!!**

## O LENCINHO E SUA SIGNIFICAÇÃO

João Rodrigo (03)

No delicado lencinho  
Está impresso suas iniciais,  
Ao lado bordado um coraçãozinho  
Símbolo de um amor digno de inserção nos anais.

Branquinho remete as nuvens do céu,  
Textura lisa revela sua timidez,  
A suavidade de um véu,  
Sublime maciez.

Aroma característico,  
Sensível pétala de rosa perfumada,  
Fonte de embriaguez com um poder místico  
Contagante, particular da esplêndida mulher amada.

Envolve uma lágrima carinhosamente,  
Reflete a mais autêntica emoção,  
Ao aspirar persistentemente  
Seu singular coração.

Como é de domínio de todos, vira e mexe acontece um sumiço de coisas na Psico. Em geral, tende-se a acusar os famosos “meninos”. Outras, a culpa vai para os crápulas pequenos-burqueses que aqui estudam. Em outros casos, sobra para os honestos funcionários. Eu já tive experiência desse gênero: deixei cair um pequeno walkman nos sofás do CAII, que sumiu (foi uma época em que os “meninos” roubavam descaradamente e todo mundo sabia. Proibiu-se, às duras penas, a entrada deles); duas blusas esquecidas na sala, que desapareceram misteriosamente (uma delas, em 2003, era azul escura escrito QUEBEC, que eu gostava muito. Sumiu sem deixar rastros, mesmo que eu tenha avisado meio mundo e deixado recados por aí. Alguém deve ter visto e achou tão bonitinha que pensou “puxa, um presente de Deus. Foi ele que me deu esta blusa!!”); almoço e lanche deixados na geladeira, que foram comidos (essa foi a mais irritante. Não foi só comigo que aconteceu isso. Seja quem foi, a pessoa é a mais mau-caráter que conheço. Pensei até em deixar comida com veneno ou laxante forte, ou pagar o Alex para denunciar quem foi e resolver isso na mão); entre outras pequenas coisas que acabei preferindo não me importar muito (certa vez deixei um chinelo com a Val, dentro de um saquinho. Nem era meu. Pedi que ela guarda-se para mim que o dia seguinte o fulano o pegaria. No outro dia, quando fui buscá-lo para devolvê-lo ao fulano, onde estava? Algum pé o achou e resolveu ficar com ele! Se fosse um caderno com anotações, tenho certeza que não teria sumido. Quem foi o responsável? Eu, que fui panaca de deixar com a Val? A Val, por ter lavado as mãos e dizendo que não era responsabilidade dela? Os alunos freqüentadores do CAII,

que estavam loucamente precisando de chinelos? Os guardas do cursinho, que deixavam a sala aberta e possibilitavam a entrada de alunos desejos por chinelos perdidos no CAII? Já sei!! Foram os “meninos”! Eu deveria ter observado os pés deles por dias para pegá-los no flagra.)

Estou cansado de não poder confiar em ninguém na Psico. Deixar a bolsa lá era uma prática comum em 1997, ano que ingressei. Vai fazer isso hoje... Quando os meninos freqüentam de mais nosso instituto, parece que o índice de roubos aumenta. Ladrões-mirins ou os alunos e funcionários que aproveitam a deixa?

Sugiro que tudo que seja esquecido/perdido seja levado para nosso inspetor de alunos. Assim, não dependeremos da *cordialidade* e da *confiança* de quem não tem porque se responsabilizar por coisas perdidas no IP. Que o Gustavo tenha um registro com: objeto esquecido; horário e data em que foi achado; local onde foi achado; dia da devolução e pessoa que perdeu (por categoria, para talvez sabermos quem são os “esquecidos”: alunos da graduação, da pós, das especializações, funcionários, público esporádico, etc.).

Com esse registro, poderemos começar a quantificar os sumiços e possíveis responsáveis. No momento em que objetos continuarem a sumir e que nenhum “menino” entra na Psico, então máscaras cairão (é... acho que vai sobrar pro pessoal do cursinho..).

Claro que todo objeto entregue a nosso inspetor (Gustavo) deverá permanecer ali até que alguém vá buscá-lo. Sugiro que nenhum objeto seja doado, leiloado, emprestado ou, simplesmente, pego sem mais nem menos. Se ele foi

parar lá é porque pertencia a alguém. Não importa quanto tempo fique lá. Muitas vezes a pessoa só se dá conta que perdeu/esqueceu algo muito tempo mais tarde. Outras, ela só sente a falta quando vê o objeto perdido/esquecido (foi meu caso: eu “perdi” dois estojos. Um dia, esqueci meu guarda-chuva. Que avoado que sou! E que rico que sou, pois posso simplesmente comprar outro! Fui lá ver se estava com o Gustavo. De repente, vi meu estojo. Um deles, apenas. O outro “sumiu” – era o mais bonito. E mais: no estojo que estava lá – o mais feinho –, sumiu uma caneta com a insígnia de um laboratório que faço parte. Era um presente que eu estimava muito. Quem foi o(a) sacana?).

Mais uma vez repito: **todo objeto deve ficar ali até que o dono vá buscá-lo**. Nem que isso demore 5 anos (ou que ele se decomponha pela ação do tempo – o que pode levar milhares de anos, dependendo do material). Acho um absurdo um comentário que ouvi que era mais ou menos do estilo “achado não é roubado. Pode pegar mesmo esses objetos. Esses alunos – eu diria, os pequenos-burgueses filhinhos-de-papai que não precisam trabalhar e ficam pensando sobre os probleminhas que cometem suas pacatas vidinhas e as babaquices alheias – que comprem outros!”.

Espero que esse **ACHADOS E PERDIDOS** comece a funcionar logo e de maneira clara sobre suas regras para todos os freqüentadores do IP. Isso não vai resolver o problema do sumiço. Longe disso. Na minha opinião, vai diminuir – o que já é um grandíssimo resultado. Mas o maior ganho, a meu entender, é darmos esperança de pessoas honestas sentirem que vale a pena devolver um objeto e, por outro lado, os respectivos donos se sentirem agradecidos por reaver seus pertences.

## Responsabilizam-se por esta edição do BOCA

Centro Acadêmico Iara Iavelberg, Comissão Organizadora [Bruno Aquino (05), Dailza Pineda (04), Guilherme Valente (04), Janaina Klinko (05), João Bosco (05), Jonas Boni (02), Karina Schmidt (04), Leandro Salebian (05) e Patrícia Ferreira Rabaça (03)], e também Luana Flor (03), Renato Tardivo (01), José Augusto (01), Rubens Pinto (01), Danilo de Lima Capoblanco (04), Patrícia Ferreira Rabaça (03), Marcelo Vilhanueva (01) Tânia Lisboa Machado (03), Diego Caleiro (05), Danilo Silva Guiamrães (01), Rafael Baioni do Nascimento (02), Larissa Pretti Costa (02), Emília Aguiar (00), Claudia de Simone (02) Renata Silveira (05)

Diagramação: Guilherme Valente (04)

Reprografia: José Carlos de Carvalho e Maria Betânia da C. Grangeiro.

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoo.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

**A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12h00min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!**